



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.39.107.A009>

Personalidades autoritárias e preconceitos: relações

Authoritarian personalities and prejudices: relationships

José Leon Crochík¹
Universidade de São Paulo
<http://orcid.org/0000-0002-2767-3091>
jlchna@usp.br

¹ Agradecimentos: agradeço ao Conselho Nacional, Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa Produtividade em Pesquisa que possibilitou desenvolver o projeto ora relatado.

RESUMO

Com o objetivo de verificar se há distinções entre preconceitos dirigidos a diversos alvos, e se tipos distintos de personalidade autoritária se associam de formas diferentes com esses tipos de preconceitos, aplicou-se a 161 estudantes de universidade pública paulista duas escalas: Escala de Fascismo (Escala F) e Escala de Manifestação de Preconceitos; a Escala F foi dividida em duas subescalas; uma delas verificou tendências sadomasoquistas, a outra mensurou um tipo de personalidade com um ego mais frágil. Os resultados de análise fatorial com os itens da Escala de manifestação de preconceitos indicaram quatro fatores, cada um com um alvo específico. O sadomasoquista teve relação maior com o preconceito contra pessoas consideradas desviantes e ambos os tipos de personalidade se associaram igualmente com o preconceito contra pessoas com deficiência e contra indivíduos de outras etnias.

Palavras-chave: preconceito; personalidade; autoritarismo.

ABSTRACT

To verify whether there are distinctions between prejudices directed at different targets, and if different types of authoritarian personality are associated in different ways with these types of prejudices, two scales were applied to 161 students from São Paulo public university: Fascism Scale (Scale F) and Scale of Manifestation of Prejudice; Scale F was divided into two subscales; one of them found sadomasochistic tendencies, the other measured a personality type with a more fragile ego. The results of factor analysis with the items of the Scale of manifestation of prejudice indicated four factors, each with a specific target. The sadomasochist had a greater relationship with prejudice against people considered deviant and both personality types were equally associated with prejudice against people with disabilities and against individuals of other ethnicities.

Keywords: prejudice; personality; authoritarianism.

RESUMEN

Para verificar si existen distinciones entre prejuicios dirigidos a diferentes destinatarios, y si diferentes tipos de personalidad autoritaria se asocian de diferentes formas con este tipo de prejuicios, se aplicaron dos escalas a 161 estudiantes de la universidad pública de São Paulo: Escala de Fascismo (Escala F) y escala de manifestación de prejuicios; La escala F se dividió en dos subescalas; uno verificó tendencias sadomasoquistas, el otro midió un tipo de personalidad con un ego más frágil. Los resultados del análisis factorial con los ítems de la Escala de manifestación del prejuicio indicaron cuatro factores, cada uno con un objetivo específico. El sadomasoquista tenía una mayor relación con el prejuicio contra las personas consideradas desviadas y ambos tipos de personalidad estaban igualmente asociados con el prejuicio contra las personas con discapacidad y contra las personas de otras etnias.

Palabras clave: prejuicio; personalidad; autoritarismo.

Introdução

A estrutura psíquica, segundo a análise de Horkheimer e Adorno (1947/1985), é alterada de acordo com a estrutura social; assim, se no capitalismo concorrencial, a ‘pequena empresa psicológica’, que é como denominam o indivíduo da época, poderia ser descrito pelo conflito entre as instâncias apresentadas pela Psicanálise – id, ego e superego -, no capitalismo dos monopólios, na sociedade administrada, as decisões individuais que tinham forte determinação da relação entre aquelas instâncias, passam a ter como base normativas externas, caracterizando um indivíduo menos autônomo.

Horkheimer e Adorno (1956/1973) indicam que o indivíduo autoritário também alterou sua configuração psíquica, e devido a condições sociais e econômicas, essas alterações, conforme Adorno (1955/2015), são expressas em configurações psíquicas mais regredidas; se em tempos de Freud, a neurose predominava, em meados do século XX, a fronteira entre o ego e a mundo se torna mais frágil, constituindo os tipos nomeados de ‘borderline’; segundo esse autor, a cada época, a sociedade leva os indivíduos às regressões psíquicas necessárias à reprodução social. Por isso, não é possível se entender a constituição individual sem a compreensão dos fatores sociais; no entanto, não menos importante é a descrição dos conflitos psíquicos subjacentes aos que são autoritários e aos que não o são.

A questão da personalidade autoritária também é importante nos tempos atuais (Abromeit, 2017; Antunes, 2016; Gomide, 2018; Crochick et al., 2019; Lima, Jannuzzi, Moura Junior; & Segundo, 2020; Carnio; & Neves, 2019; Ribeiro, 2016; Rosa, 2018; Silva, & Bittencourt, 2019) e, tal como outrora, é associada com o medo (Lima et al., 2020; Colombaroli, 2020), que questões relativas à segurança trazem, o que torna atuais as críticas que Freud (1930/2011) e Horkheimer e Adorno (1947/1985) fazem à civilização: a exigência de renúncias individuais, sem que essas renúncias sejam compensadas com segurança, mantendo o medo – real ou imaginário – como base da constituição psíquica.

Lima et al. (2020) utilizaram os itens da Escala F, construída por Adorno e outros pesquisadores da Universidade de Berkeley, nos anos 1940, e publicada em 1950, no livro

Personalidade Autoritária (Adorno; Frenkel-Brunswik; Levison; & Sanford, 1950), referentes à mensuração do sadomasoquismo, nas dimensões nomeadas de ‘convencionalismo’, ‘submissão à autoridade’ e ‘agressão autoritária’. Obtiveram escores elevados em amostra representativa da população brasileira, indicando a forte presença desse autoritarismo em nosso meio. A Escala F foi construída com o objetivo de ser uma medida indireta do preconceito, pois, segundo seus autores (Adorno et. al., 1950), em uma democracia, alguns indivíduos poderiam sentir vergonha, mesmo frente a si mesmos, de manifestar preconceito. Obtiveram correlações significantes com escalas de Antissemitismo e Etnocentrismo, também construídas por eles, ainda que não necessariamente elevadas. Isso indica ao mesmo tempo a validade parcial da Escala F e que, efetivamente, avaliar o preconceito indiretamente pode trazer resultados distintos de avaliá-los por meio de medidas diretas.

Das nove dimensões subjacentes à Escala F, seus autores, como indicado anteriormente, associam ‘convencionalismo’ – adesão rígida aos valores predominantes -, ‘submissão autoritária’ – respeito sem restrições às autoridades estabelecidas- e ‘agressão autoritária’- agressão contra os que não seguem as normas imperantes- ao sadomasoquismo, e as outras seis – ‘antiintracepção’ – desvalorização do que é subjetivo -, ‘superstição e estereotipia’ – pensamento mágico e forma rígida de pensar -, ‘poder e ‘dureza’ – apreço ao que parece forte e desprezo ao que aparenta fragilidade -, ‘destrutividade e cinismo’ – desprezo à humanidade -, ‘projetividade’ – projeção de desejos não conscientes -, e ‘sexo’ – preocupação exagerada com atos sexuais – com uma maior fragilidade do ego, tal como concebido pela Psicanálise. O sadomasoquismo também manifesta um ego frágil, mas essas últimas dimensões, segundo esses autores, o fazem de forma mais nítida. Crochick (2019) indica que há correlação entre os escores da escala F com outra escala que avalia o narcisismo, variável que também demonstra a fragilidade do ego. Isso ilustra o que foi mencionado no início deste texto sobre a maior regressão individual à medida que a sociedade se torna mais centralizadora, como o exige o capitalismo de monopólios, e mais administrada por normas que só afetam os indivíduos de forma externa; as normas não são interiorizadas.

O ego, conforme Freud (1930/2011), constitui-se a partir da experiência, da identificação com os outros, se essa experiência é cada vez mais restrita e a identificação

mais frágil, pois é menos específica, devido à centralização social e à existência de autoridades cada vez menos palpáveis, conforme enuncia Marcuse (1955/1981), surge o preconceito, como forma de defesa frente ao mundo ameaçador e de difícil compreensão, por um eu restrito à sua sobrevivência. Preconceito, que, segundo Horkheimer e Adorno (1956/1973), é manifestação de personalidades autoritárias e que se dirigem contra minorias que não seguem as normas e valores que defendem.

O preconceito é considerado por Lima (2020) e Costa; Bandeira e Nardo (2015) como uma atitude. Segundo Krech, Crutchfiel e Ballachey (1975), contém uma dimensão afetiva, outra cognitiva e uma última, dirigida à tendência à ação. Conforme Crochík et al. (2013), a parte cognitiva está associada a estereótipos; a afetiva pode se manifestar como hostilidade frente o alvo, afeição exagerada a esse alvo, que oculta a real hostilidade, e indiferença, e a tendência para a ação como discriminação, que pode ser expressada como segregação ou marginalização. O estudo de Adorno e pesquisadores da Universidade de Berkeley (Adorno, 1975/2019) evidenciou que o indivíduo que tende a ser preconceituoso em relação a um alvo, tende também a manifestá-lo em relação a outros alvos; assim, o que tem preconceitos contra negros também terá contra judeus.

Essa relação também foi evidenciada por Bethelheim e Janowitz, (1950) em veteranos de guerra dos Estados Unidos da América. Crochík et al. (2012) também encontraram relação entre os preconceitos voltados aos seguintes alvos: judeu, negro, pessoa com deficiência física e pessoa com deficiência intelectual, mas havia maior correlação entre os preconceitos voltados contra as pessoas com deficiência física e intelectual. Esses resultados indicam que o preconceito depende do preconceituoso e não de seus alvos; o entendimento dessa forma de agressão, conforme Adorno (1967/1995), deve se voltar para quem e para o quê a gera, e não para quem a recebe. Mas se a correlação entre os preconceitos dirigidos a diversos alvos não é plena, a representação desses alvos, e não o que eles são, deve provocar sentimentos distintos nos preconceituosos. No estudo citado de Crochík et al. (2012), aventou-se a hipótese que o preconceito contra judeus e negros poderia estar revelando um exagero de diferença existente, associado ao conceito de ‘narcisismo das pequenas diferenças’ de Freud (1930/2011), já o preconceito contra pessoas com deficiência implicaria uma

generalização indevida: a deficiência existente seria generalizada para outras características e potencialidades do indivíduo.

Costa; Bandeira e Nardo (2015) delimitam preconceito como uma forma de hostilidade a membros de grupos por pertencerem a esses grupos. Dessa forma, são minorias sociais que contêm os alvos do preconceito; como essas minorias são delimitadas socialmente, não se pode, como argumentado antes, reduzir esse fenômeno unicamente a questões individuais, ainda que essas sejam fundamentais para compreender a adesão cega à ideologia irracional que tenta justificar em vão a perseguição dos membros dessas minorias. As minorias sociais se constituem, em geral, como forma de defesa à hostilidade que sofrem. Assim, as mulheres, os negros, as pessoas com deficiência, as pessoas que pertencem ao grupo LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, e todas demais variações de orientação sexual e variações de gênero) são forçados a se unir em minorias para enfrentar a hostilidade que se volta contra eles.

Há muitas diferenças entre os membros de cada uma dessas minorias; nenhum deles é delimitado pela religião, profissão, hábitos e costumes que seguem, apesar disso, são reduzidos a uma única característica, à qual outras alheias, estereotipadas se associam, caracterizando o que Horkheimer e Adorno (1947/1985) denominam *mentalidade do ticket*: reagir de forma estereotipada aos membros das diversas minorias.

Se há diferentes alvos de preconceitos, como assinalado antes, será que necessidades psíquicas semelhantes são subjacentes a eles? Será que o preconceito étnico, contra pessoas com deficiência, contra pessoas consideradas com profissões ou hábitos indecentes e contra pessoas que têm orientação sexual diversa da norma social predominante satisfazem os mesmos desejos psíquicos? Segundo Lima (2020), o preconceito étnico, sobretudo contra os negros, foi o mais frequentemente estudado, até que, mais recentemente, houve um crescente interesse do estudo do preconceito contra membros do grupo LGBTQIA+, ainda que mais estudos sobre esse grupo sejam necessários, conforme Tombolato, Bortolozzi e Santos (2018). Cresce também o interesse acadêmico sobre o preconceito contra pessoas com deficiência, devido ao aumento das discussões sobre inclusão escolar (Crochík et al., 2013).

Os preconceitos étnicos se referem diretamente à oposição endogrupo/exogrupo, conforme destaca Adorno (1975/2019); as pessoas com deficiência também parecem pertencer a outros grupos que não o do preconceituoso; Lima (2020) destaca o pseudoafeto voltado a essas pessoas, assim como a pessoas idosas, que marcariam a ocultação do desprezo que se tem por eles. Das duas formas de discriminação, explicitadas por Crochik et al. (2013) – segregação e marginalização -, parece que a segregação seria mais apropriada aos que são considerados como sendo externos ao grupo de pertença do preconceituoso. Já, a discriminação contra indivíduos que não seguem as normas predominantes pode se referir à marginalização: fazem parte da sociedade, mas não podem ser plenamente aceitos, pois, envergonham por não seguir as normas predominantes; nesse sentido, Costa; Lourenço; Otoni; Santos e Vidala (2018) indicam que as prostitutas tendem a ser marginalizadas, por serem associadas com a desonra, uma categoria moral.

O preconceito étnico diria respeito, assim, ao que Freud (1930/2011) nomeou, como indicado antes, de ‘narcisismo das pequenas diferenças’, já o preconceito moral ao cerceamento aos que pertencem ao mesmo grupo. As necessidades psíquicas subjacentes ao preconceito étnico e também contra pessoas com deficiência seriam aquelas que fortalecem a pertença a um grupo, indicando a fragilidade de um ego que procura se identificar com seu grupo para se fortalecer; as necessidades psíquicas subjacentes ao preconceito moral seriam voltadas para fortalecer as normas do próprio grupo, que o preconceituoso sente como ameaçadas, quando alguns de seus membros não seguem as normas gerais, criadas e defendidas pela própria cultura.

No caso do preconceito étnico e contra as pessoas com deficiência, está em questão o conflito entre grupos, no caso do preconceito moral, um conflito interno ao grupo. Em relação ao preconceito moral, deve-se punir quem não tem disciplina, quem não respeita as autoridades, quem não segue as normas; trata-se de uma hierarquia própria ao sadomasoquismo, que caracteriza a submissão aos que estão acima e a submissão dos que estão abaixo na hierarquia social; quanto ao preconceito étnico e contra pessoas com deficiência, supõe-se que eles não são identificados como humanos: a consciência reificada, segundo a expressão utilizada por Adorno (1967/1995), impede que esses outros grupos sejam percebidos como membros da humanidade, impedindo assim a

identificação com eles; como podem ser considerados como de outra ‘espécie’, não cabe exigir nada deles, somente desprezá-los; essa não possibilidade de identificação indicaria a presença de um ego constituído mais fragilmente, que ainda sequer pode tomar os adultos como referência para constituir uma consciência moral; dessa forma, segundo Freud (1930/2011), agem com ‘medo social’: é a presença ou ausência da autoridade que indica se podem ou não praticar um ato proibido.

Já entre os que tomam como referência os adultos que os educam, há aqueles que não conseguem incorporar bem os valores e princípios de suas referências, o que os faz acirrar a obediência a esses valores e princípios, aos quais não necessariamente gostariam de seguir. Assim, os que possuem um ego mais frágil devem ser mais propensos a terem preconceitos étnicos e contra pessoas com deficiência, e os sadomasoquistas, preconceitos morais contra prostitutas, usuários de droga, e indivíduos dos grupos LGBTQIA+.

Fortalecem essa suposição, as descrições que Adorno (1975/2019) faz de tipos de personalidades autoritárias. O tipo nomeado de autoritário tem uma consciência moral ambígua e se força a defender os ideais adquiridos de seus pais, e os que não os seguem representam os adversários a combater para fortalecer o que não tem convicção. Os tipos psicopata e manipulador, por sua vez, não parecem apresentar os conflitos do tipo autoritário e assim são mais propensos a perseguir e a desprezar os considerados como não dignos de humanização; segundo esse autor, o psicopata é o tipo mais infantil, mais desvinculado da cultura. O tipo nomeado de autoritário, desse modo, seria mais propenso ao sadomasoquismo e o psicopata e o manipulador, ao preconceito étnico e contra pessoas com deficiência.

Importante, ressaltar, como Adorno (1975/2019) o faz, que diversas necessidades e características psíquicas compõem todos os tipos autoritários em diferentes medidas, e cabe insistir que o preconceituoso tende a desenvolver sua discriminação contra diversas minorias; no entanto, é de se supor que haja relações mais específicas em relação a determinados alvos, em conformidade com diferentes necessidades psíquicas.

Objetivos

Tendo em vista o que foi descrito até o momento, os objetivos deste trabalho são: 1- diferenciar e relacionar preconceitos em relação a diversos alvos; e 2- verificar se há relação entre tipos de personalidade autoritária e diversos tipos de preconceito, quando se considera a especificidade de seus alvos.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 161 estudantes de uma universidade pública de São Paulo de diversos cursos: Educação Física (24,2%, n = 39), História (19,3%, n=31), Fonoaudiologia (10,6%, n = 17), Física (19,3%, n = 31), Administração (18,6%, n = 30), e Engenharia (8,1% e n = 13); a maioria do sexo masculino (68,3%, n = 110), a menor parte dos participantes tinha religião (41,0%, n = 66). A idade média foi de 22,73 anos (DP = 3,34; amplitude 18-36).

Instrumentos

- 1- Questionário sobre informações pessoais: curso, sexo, idade, religião.
- 2- Escala de Fascismo (Escala F), construída por Adorno e colaboradores (Adorno et al., 1950), traduzida e adaptada, em sua forma 40/45. Trata-se de escala com 28 itens tipo Likert (dois dos itens da escala original não foram utilizados), variando de um a seis pontos – quanto maior o score, maior a propensão à adesão a um ideário autoritário. Foi dividida em duas subescalas, conforme a indicação de seus autores; em uma delas, nomeada de Fsadomasoquismo, foram incluídos 16 itens que compõem as dimensões ‘Convencionalismo’, ‘Submissão autoritária’ e ‘Agressão autoritária’; na amostra deste estudo, foi obtido o Alfa de Cronbach de 0,83; a outra subescala foi composta por 12 itens das outras dimensões, foi nomeada de Ffragilidade; nesta amostra, obteve o Alfa de Cronbach de 0,64. Os itens que poderiam constar nessas duas subescalas foram considerados somente na primeira, para que não fossem utilizados os mesmos dados duas vezes.
- 3- Escala de Manifestação de Preconceitos, construída por Crochík (2019) e por Ricardo Casco, é constituída por 16 itens do tipo Likert com seis pontos - quanto

maior o escore, maior é a manifestação de preconceito; em estudos anteriores, obteve alfas de Cronbach nos valores de 0,77 a 0,84, e, neste estudo, um Alfa de Cronbach de 0,78. Para esta pesquisa foram utilizados itens de aplicações anteriores referentes ao preconceito contra o judeu, negro, pessoas com deficiência, e acrescidas questões sobre preconceito contra prostitutas, usuários de drogas e pessoas LGBTQIA+.

Procedimentos

No segundo semestre de 2018, os participantes responderam aos instrumentos em sala de aula, na presença de dois pesquisadores. Assinaram os termos de Consentimento Livre e Esclarecido, e foi informado a eles sobre o anonimato e a liberdade de participarem ou não da pesquisa, assim como que poderiam abandonar a atividade no momento que quisessem. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da USP, com Parecer número: 1.218.644.

Em relação à análise dos dados, para o primeiro objetivo, referente à diferenciação e relação entre diversos tipos de preconceito, foi feita uma análise fatorial com os dados obtidos na Escala de Manifestação de Preconceito e utilizada a correlação Parcial, com controle de curso, sexo, e religião para verificar a relação entre os diversos tipos de preconceito, uma vez que obteve-se diferenças significantes, com $p < 0,05$, dos escores nas escalas sobre preconceito entre os participantes de cada curso; entre os sexos; entre ter ou não religião; mas não houve relação significativa entre essas medidas e a idade dos participantes; para o objetivo 2, foram calculadas correlações parciais entre os diversos tipos de preconceito e as duas escalas derivadas da Escala F. Todos os cálculos foram feitos por meio do SPSS 26.

Resultados

Para verificar o primeiro objetivo da pesquisa, referente às diferenças e relações entre diversos tipos de preconceito, calculou-se, como mencionado antes, uma Análise Fatorial, com o método do Principal Componente, rotação Varimax ($KMO = 0,734$; $\chi^2 = 706,567$; 136 g.lib.; $p = 0,000$). Os resultados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Fatores da Escala de Manifestação de Preconceitos e as cargas fatorais dos itens

Itens/Fatores	Deficiên cia	Orientaç ão sexual	Moral	Étnico
Geralmente, as pessoas com deficiência intelectual não são atraentes.	,754	-,006	,285	,168
Não seria namorado(a) de uma pessoas com deficiência física	,705	,191	,180	,013
A pessoa com deficiência física, às vezes, lembra-me a imperfeição humana.	,661	,002	-,063	,114
Uma das piores fatalidades que pode acontecer a uma pessoa é ter deficiência intelectual.	,654	-,043	,212	,099
Às vezes, a presença de uma pessoa com deficiência intelectual me gera mal estar.	,607	,214	-,003	,163
O avanço da medicina com os seus métodos de detectar malformações nos fetos é importante, pois impede o nascimento de pessoas com deficiência intelectual.	,573	,386	-,180	,208
As pessoas com deficiência intelectual deveriam estudar em escolas e/ou classes especiais.	,479	-,154	,343	-,045
Os casais de homossexuais não deveriam adotar filhos.	-0,52	,841	,140	-,073
Não gostaria que alguém de minha família fosse homossexual, lésbica, transgênero ou transexual.	,218	,753	,217	-,241
Não namoraria pessoa viciada em drogas	,053	,065	,777	,170
Não namoraria alguém que se prostitua	,143	,076	,745	,063
Não gostaria que uma pessoa que consome drogas trabalhasse comigo.	,171	,384	,599	,109
Os judeus parecem se adaptar melhor a trabalhos que não envolvem esforço físico.	,123	,069	-,070	,679

Os negros, em geral, têm uma inclinação para os esportes e para a música.	,047	-,003	,076	,613
É melhor que os judeus frequentem suas próprias organizações – clubes, escolas etc. – pois têm interesses e costumes específicos.	,192	,057	,237	,613
As escolas judaicas deveriam dar menos ênfase ao judaísmo e mais atenção a valores como a solidariedade.	,063	-,104	,089	,459

Fonte: pesquisa realizada pelo autor

Conforme os dados da tabela acima, os itens da Escala de Manifestação de Preconceitos se estruturam em quatro fatores com alvos distintos, - deficiência ($\alpha = 0,78$), LGBTQIA+ ($\alpha = 0,76$), moral ($\alpha = 0,67$), e étnico ($\alpha = 0,48$) - o que indica certa independência entre os alvos examinados.

Para obter mais informações sobre as relações entre os diversos tipos de preconceito, calculou-se correlação parcial entre eles; os dados estão na Tabela 2.

Tabela 2: correlações parciais entre os quatro tipos de preconceito

Tipos de preconceito	Moral	LGBTQIA+	Étnico
Deficiência	,234**	,406**	,313**
Moral		,221**	-,029
LGBTQIA+			,230**

Nota ** significativa com $p < 0,01$

Fonte: pesquisa realizada pelo autor

Os dados da Tabela 2 indicam haver correlações significantes, ainda que de baixa magnitude, entre os diversos tipos de preconceito, com exceção do que se dirige a etnias e o preconceito dirigido contra as pessoas que consomem drogas e contra as prostitutas.

Para verificar o segundo objetivo, que se refere às relações entre estrutura de personalidade e tipos de preconceitos, calculou-se correlações parciais, com controle para curso, sexo e ter ou não religião, entre os quatro tipos de preconceito destacados pela

Análise Fatorial e as duas subescalas da escala F. Comparou-se as magnitudes das correlações, pela fórmula de Hotelling. Os resultados estão na Tabela 3.

Tabela 3: Correlações parciais entre tipos de personalidade e estruturas de personalidade

Alvos/Personalidade	Fsadomasoquismo	FFragilidade	Valor de t
Deficiência	,459**	,408**	0,91
Moral	,482**	,304**	3,17**
LGBTQI+	,413**	,166*	4,29**
Etnia	,385**	,437**	0,91

Nota ** significativa com $p < 0,01$; *significante com $p < 0,05$

Fonte: pesquisa realizada pelo autor

Como se pode verificar pelos dados da Tabela 3, todas correlações entre estrutura de personalidade e tipos de preconceitos são significantes. A estrutura autoritária nomeada de sadomasoquista está significativamente mais associada com o preconceito moral e com preconceito contra pessoas caracterizadas como LGBTQIA+ do que a estrutura autoritária de um eu mais fragilmente constituído; para os dois outros tipos de preconceito – deficiência e étnica -, os dois tipos de personalidade estão igualmente associados.

Discussão

Considerando os resultados obtidos, pode-se confirmar que há diferenciação entre os tipos de preconceitos avaliados, fortalecendo a hipótese de que há algo de específico em cada alvo que suscita reações diversas no preconceituoso; tal resultado também foi encontrado por Adorno e colegas da Universidade de Berkeley (Adorno, 1975/2019) e por Crochík et. al. (2012); nesse último estudo, houve diferenciação entre o preconceito dirigido às pessoas com deficiência e o voltado a pessoas pertencentes a diferentes etnias, e tal como neste, não houve distinção entre tipos de deficiências, uma vez que a análise fatorial juntou os itens referentes a esse alvo em um único fator - preconceito contra deficiência; na pesquisa ora relatada, o mesmo ocorreu também com os distintos tipos de etnia – judeus e negros – cujos itens foram agrupados em um único fator.

Ainda que haja correlações entre quase todos os quatro tipos de preconceito discriminados, elas foram de baixa magnitude, o que implica que quem manifesta preconceito em relação a um alvo tenda a manifestar também em relação a outros alvos,

mas, em boa parte, o que é projetado sobre o alvo são medos e desejos distintos, que, por sua vez, podem se referir a diferentes estruturas de personalidade.

No caso do preconceito contra etnias e contra pessoas com deficiência, pode-se supor que são indivíduos que o preconceituoso pode considerar como não sendo de seu grupo – os exogrupos; as pessoas pertencentes a diversas etnias porque percebidas com costumes diferentes e consideradas não perfeitamente adaptadas, tal como Horkheimer e Adorno (1947/1985) interpretam os antissemitas, argumentando que para esses os judeus não são completamente assimilados aos costumes sociais; pode-se presumir que algo similar possa ser percebido em relação às pessoas que têm deficiência: têm uma adaptação incompleta. Importante novamente sublinhar que as características ilusórias percebidas nos alvos do preconceito não pertencem a esses alvos, mas são projetadas pelos preconceituosos sobre eles.

Esses grupos – de etnias distintas da predominante e de pessoas com deficiência - tendem a ser segregados, apesar de todo o processo de inclusão social existente em nossos dias. Não casualmente, os negros tendem a ter piores indicações socioeconômicas do que caucasianos e asiáticos e que há os que defendam instituições segregadoras para pessoas com deficiência estudar, trabalhar e residir.

Em relação aos preconceitos voltados aos indivíduos LGBTQIA+ e aos que não seguem os padrões morais referendados socialmente, pode-se tratar da perseguição aos que não seguem essas regras morais, são considerados como pertencentes à sociedade, mas desviantes. Neste sentido, esses grupos tendem a ser marginalizados; pertencem à sociedade, mas não devem ser considerados cidadãos plenos. Conforme aponta Adorno (1963/1969), os tabus sexuais continuam a existir, apesar de todo o avanço social no que concerne à progressiva libertação de costumes sexuais; apesar de as relações sexuais serem mais livres, o homossexual e a prostituta continuam a ser perseguidos, o que leva esse autor a afirmar que ainda não há liberdade sexual, mesmo que tenha avançado dos tempos de Freud até a atualidade.

O resultado referente à estrutura de personalidade sadomasoquista estar mais relacionada com o preconceito moral e com o preconceito contra pessoas LGBTQIA+ do que a estrutura de personalidade vinculada a um Ego mais frágil indica que o desvio das normas para o tipo de personalidade sadomasoquista é mais grave do que para o outro

tipo examinado; já o fato de não haver distinção entre esses dois tipos de personalidade e os preconceitos direcionados aos alvos etnia e pessoas com deficiência pode significar que quer a indiferença frente ao outro, quer o prestígio que supõe superior ao outro estejam presentes; haveria a realização do desejo de destruição do outro – próprio ao sadomasoquismo – e a indiferença a ele – característica do psicopata e do manipulador.

Considerações finais

A partir desses dados, pode-se inferir que o combate ao preconceito não pode ser indiscriminado em relação a seus alvos, pois esses podem representar imaginariamente ameaças distintas para os preconceituosos. Esse enfrentamento deve se voltar ao preconceituoso e não a seus alvos, que não correspondem às mesmas necessidades psíquicas.

Os preconceitos contra alvos considerados inferiores parecem se referir mais à necessidade de fortalecer um ego que se sente fragilizado, enquanto o preconceito voltado a alvos considerados desviantes pode se relacionar mais com uma consciência moral mal estabelecida, que precisa se fortalecer ao condenar esses alvos. Nos dois casos, conforme defende Adorno (1975/2019), o ego é frágil, mas no sadomasoquismo ainda é possível ter alguma identificação com outras pessoas, mesmo que mal realizada; os dois se constituem como tipos de autoritários, com estruturas algo distintas.

Conforme enfatizado na introdução deste texto, à medida que a sociedade progride do ponto de vista técnico e administrativo, menos os indivíduos são necessários, menos se diferenciam. Mesmo assim, os autoritários de outrora, mais próximos aos sadomasoquistas, convivem com autoritários com estrutura de personalidade mais frágil, os que podem ser nomeados como psicopatas e manipuladores. Dada essa relação, cabe fazer a crítica ao progresso social que é considerado como um fim em si mesmo e não voltado para a felicidade e liberdade humanas; como indaga Freud (1930/2011): de que adianta ter uma vida mais longa, possibilitada pelo avanço social e do conhecimento, se o que gera felicidade é proibido ou cerceado? Mais do que isso, o que Horkheimer e Adorno (1947/1985) argumentam é que o progresso, quando vinculado ao desejo de dominação social e individual, serve à natureza da destruição mais do que à libertação

desse desejo: o autoritarismo e o preconceito são expressões desse desejo, denunciando o rumo regressivo que a sociedade tem tomado, em seu avanço técnico e administrativo; rumo esse, que não é, segundo esses mesmos autores, irreversível.

Alguns dos limites deste estudo se referem à amostra não ser representativa da população e não ter grande amplitude. Em relação aos instrumentos, algumas das escalas tiveram um Alfa de Cronbach não muito elevado. Caberia ampliar e modificar essas escalas e aplicá-las a uma amostra maior e representativa. De todo modo, novos estudos são fundamentais para corroborar ou não o que foi apresentado neste texto. Por fim, cabe, mais uma vez, ressaltar que se fenômenos sociais como o fascismo, o antissemitismo, a homofobia, o racismo, não podem ser reduzidos a aspectos de personalidade, o momento psicológico é importante para entender a manutenção daqueles fenômenos que transcendem o âmbito individual. Se condições objetivas – sociais, econômicas e políticas – são diretamente responsáveis pelos fenômenos de massa, enquanto persistirem essas condições, cabe esclarecer os indivíduos o como reagem contra grupos específicos, quando a origem de seu sofrimento não se encontra nesses grupos, mas naquelas condições.

Referências

- Abromeit, J. (2017). A Teoria Crítica da Escola de Frankfurt e a persistência do populismo autoritário nos Estados Unidos. *Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade*, 22(1), 13-38. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v22i1p13-38>
- Adorno, T.W. (1969). Los tabus sexuales y el derecho hoy. Em Adorno, T.W. *Intervenciones: nueve modelos de critica*. Caracas, Monte Avila, 91-115. (Original publicado em 1963)
- Adorno, T.W. (1995) Educação após Auschwitz. Em Adorno, T.W. *Educação e Emancipação*. (W. Leo Maar, Trad.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. P. 119-138. (Original publicado em 1967)
- Adorno, T. W. (2015). Sobre a relação entre sociologia e psicologia. Em Adorno, T. W. *Ensaio sobre psicologia geral e psicanálise*. (V.Freitas, Trad.), pp. 71-135. São Paulo, SP: Editora Unesp. (Original publicado em 1955).
- Adorno, T.W. (2019). *Estudos sobre a Personalidade Autoritária*.(F.L.T. Correa, V.F. da Costa, C. H. Pissardo, Trads.) São Paulo: Editora da Unesp, 2019. (Original publicado em 1975).

- Adorno, T.W., Frenkel-Brunswik, E.; Levison, D.J.; & Sanford, R.N.(1950) *The authoritarian personality*. New York: Harper and Row.
- Antunes, D.C. (2016). Tolerância e democracia hoje: o discurso de deputados em defesa da posição conservadora. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 3- 13. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p003>
- Bettelheim,B., & Janowitz, M. (1950) *Dinamics of prejudice*. New York: Harper and Brothers.
- Carnio, M.P., & Neves, M.C.D. (2019). O projeto Escola ‘sem partido’ como uma falsa projeção do campo educacional. *Dossiê Temático: Teoria Crítica e Contemporaneidade* 3(1) <https://doi.org/10.30905/ded.v3i1.131>
- Colombaroli, A. (2020). Medo e apoio ao autoritarismo na contemporaneidade. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 17, 01-18. doi:<https://doi.org/10.5007/1807-1384.2020.e61236>
- Costa, A. B., Bandeira, D. Ruschel, & Nardi, H. C.. (2015). Avaliação do preconceito contra diversidade sexual e de gênero: construção de um instrumento. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(2), 163-172. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000200002>
- Costa, T.V.de A., Lourenço, M.P.C., Otoni, G.H.S., Santos, F.P, & Vidala, C.E,L.(2018) Preconceito, relações familiares e práticas de saúde em profissionais do sexo: uma abordagem qualitativa. *Revista Médica de Minas Gerais*, 28(4). <https://www.doi.org/10.5935/2238-3182.20180025>
- Crochick, J. L.(2019) Preconceito e bullying: marcas da regressão psíquica socialmente induzida. *Psicol. USP*, 2019, vol.30. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190006>
- Crochík, J.L.; Kohastu, L. N. ; Dias, M. A. ; Freller, C. C. ; Casco, R. (2013) . *Inclusão e Discriminação na Educação Escolar*. 1. ed. Campinas: Alínea Editora .
- Crochík, J.L.; Freller,C.C. (Org.) ; Dias, M. A. (Org.) ; Casco, R. (Org.) ; Meneses,B.M. (Org.) ; Pedrossian, D. R. S. (Org.) ; Silva, P. F. (Org.) . *Preconceito e Educação Inclusiva*. 1. ed. Brasília: Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República, 2012.
- Crochík, José Leon, Silva, Pedro Fernando da, Lourenço, Arlindo da Silva, Freller, Cíntia Copit, & França, Fátima. (2019). Componentes psíquicos das ideologias no mundo administrado. *Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia*, 12(1), 79- 95. <https://dx.doi.org/10.36298/gerais2019120107>
- Freud, S. (2011). *Mal-estar na civilização e outros trabalhos*. (P. C. Souza, Trad.) São Paulo: Cia. das Letras. (Original publicado em 1930).

- Gomide, A. P. de Ávila. (2018). A Fita Branca e o caráter autoritário: contribuição da teoria crítica da sociedade. *EDUCAÇÃO E FILOSOFIA*, 32(66). <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v32n66a2018-06>
- Horkheimer, M., & Adorno, T.W. (1973). *Temas básicos da sociologia*. (A.Cabral, Trad.). São Paulo: Cultrix, 1973. (Original publicado em 1956).
- Horkheimer, M., & Adorno, T.W. (1985). *Dialética do esclarecimento*. (G. de Almeida, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Original publicado em 1947).
- Krech, D; Crutchfield, R. S.; & Ballachey, E. L. (1975) *O Indivíduo na Sociedade - Um manual de Psicologia Social*, 3ª ed., São Paulo: Pioneira.
- Lima, M.E.O. (2020). *Psicologia social do preconceito e do racismo*. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda.
- Lima, R. S. de; Jannuzzi, P. M.; Moura Junior, J. F., & Segundo, D. S. de A. (2020). Medo da violência e adesão ao autoritarismo no Brasil: proposta metodológica e resultados em 2017. *Opinião Pública*, 26(1), 34-65. Epub May 18, 2020. <https://doi.org/10.1590/1807-0191202026134>
- Marcuse, H. (1981) *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar.(Original publicado em 1956)
- Ribeiro, Ednaldo Aparecido, & Borba, Julian. (2016). Personalidade e protesto político na América Latina: bases psicossociais da contestação. *Sociedade e Estado*, 31(2), 373- 402. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000200005>
- Rosa, C.M.T.(2018) Breve reflexão: educação, autoritarismo e violência sob a análise da teoria crítica frankfurtiana *Inter-Ação*, Goiânia, v. 43, n. 2, p. 515-528, maio/ago. <https://dx.doi.org/10.5216/ia.v43252493>
- Silva, A.T.T. da, Bittencourt, C.A.C. (2019) Os traços fascistas por trás do preconceito, violência e bullying na escola. *Dossiê Temático: Teoria Crítica e Contemporaneidade* 3(1) <https://doi.org/10.30905/ded.v3i1.122>
- Tombolato, M. A., Maia, A.C., Uziel, A. P., & Santos, M.A. dos. (2018). Prejudice and discrimination in the everyday life of same-sex couples raising children. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(1), 111-122. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-02752018000100011>